

UM OLHAR A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE DINÂMICAS COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Maria do Socorro Ferreira da Silva
Doutora em Geografia - UFS
ms.ferreira.s@hotmail.com

Edimilson Gomes da Silva
Doutorando em Geografia – UFS
dimil10@hotmail.com

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo apresentar dinâmicas de sala de aula que podem ser usadas no ensino da Geografia. O trabalho foi elaborado com base em referencial teórico sobre a temática abordada; relatos de experiências vivenciadas pela autora na Disciplina de Estágio Supervisionado de Ensino em Geografia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana-MS; observações sistematizadas durante a supervisão de estágios nas escolas públicas estaduais da referida cidade; e, diálogos informais com professores do Ensino Fundamental e Médio vinculados a rede pública e particular de ensino. O uso de dinâmicas em sala de aula, enquanto ferramenta para auxiliar no ensino da Geografia Escolar, contribui de forma significativa para melhorar a relação ensino/aprendizagem. Todavia, o uso de dinâmicas exige que o professor seja criativo na perspectiva de buscar outras e/ou novas possibilidades de contribuir efetivamente para a construção do saber geográfico. As atividades lúdicas realizadas pelos estagiários e/ou professores são consideradas como um instrumento capaz de facilitar a relação ensino/aprendizagem dos conteúdos da Geografia. Assim, defendemos a ideia que a partir do momento em que o estudante consegue se inserir enquanto sujeito participante do processo de ensino/aprendizagem, especialmente através de atividades lúdicas, tende a ter mais interesse pela disciplina e, conseqüentemente mais facilidade na aquisição do conhecimento.

Palavras-chave: Geografia. Dinâmicas. Relação ensino/aprendizagem.

A VIEW FROM THE USE OF DYNAMICS AS A TOOL FOR THE TEACHING OF GEOGRAPHY EDUCATION

ABSTRACT

This article aims to present dynamic classroom that can be used in the teaching of Geography. The work was based on the theoretical framework on the selected theme; reports of experiences by the author at the Department of Supervised Teaching in Geography at the Federal University of Mato Grosso do Sul, Campus Aquidauana-MS; systematic observations during supervision stages in the public schools of that city, and informal dialogues with teachers in elementary and high school linked to public and private schools. The use of dynamics in the classroom, as a tool to assist in the teaching of Geography School, contributes significantly to improving the teaching / learning relationship. However, the use of dynamic requires the teacher to be creative in the perspective of seeking other and / or new possibilities to effectively contribute to the construction of geographic knowledge. The activities play performed by interns and / or teachers are considered as a tool to facilitate the teaching / learning of the contents of Geography. Thus, we advocate the idea that from the time the student is able to enter, while fellow participant in the process of teaching / learning, especially through play activities, tends to have more interest in the discipline and therefore easier on the acquisition of knowledge.

Keywords: Geography. Dynamic. The teaching / learning relationship.

INTRODUÇÃO

Os procedimentos didáticos adotados pelos professores levavam o estudante a desenvolver a descrição e a memorização dos elementos que compõem as paisagens como dimensão observável do território e do lugar. Dessa maneira, com o ensino da Geografia neutra, evitava-se a compreensão ou subjetividade que confundisse o observador com o objeto de análise. Essa perspectiva marcou também a produção dos livros didáticos até meados da década de 1970 e muitos ainda apresentam, em seu corpo idéias, interpretações e expectativas de aprendizagem defendidas pela Geografia Tradicional (BRASIL, 1988).

Neste contexto, Lima; Vlach (2002) abordam que os manuais tradicionais, usados na disciplina de Geografia, não enfatizam a compreensão do saber geográfico acumulado pelo aluno, dificultando a visão da Geografia real, do seu cotidiano, tão necessária para melhorar e compreender as relações da sociedade e natureza. O ensino de Geografia tradicional, construído a partir da reprodução de manuais e procedimentos metodológicos ultrapassados, resulta na insatisfação dos alunos pela disciplina.

Por esse viés, o ensino não desperta o interesse dos educandos quando é calcado na reprodução de materiais, objetivando a memorização de conceitos prontos e acabados, portanto, sem relação alguma com o espaço vivido do educando. Assim, diante da importância do ensino da Geografia, disciplina capaz de oferecer ao educando a compreensão da relação sociedade e natureza, nas mais variadas dimensões², é preciso inserir procedimentos metodológicos na prática pedagógica que sejam capazes despertar o prazer por essa disciplina.

O uso das dinâmicas em sala de aula para auxiliar no ensino da Geografia, assim como em qualquer outra disciplina, é uma estratégia que tem como meta melhorar a relação ensino/aprendizagem. Nesse sentido, esse ensaio tem como objetivo apresentar dinâmicas que podem ser usadas no âmbito da Geografia Escolar na perspectiva de melhorar a relação ensino/aprendizagem.

Para realização do trabalho ancorou-se em referências teóricas que abordam sobre o ensino da Geografia, e a experiência da primeira autora durante a supervisão de estágio realizada Disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia, no Campus de Aquidauana, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 2006 e 2007. Durante o desenvolvimento dessa Disciplina, no Laboratório de Prática de Ensino da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), os acadêmicos do 4º Ano do Curso de Geografia Licenciatura eram incentivados a usarem dinâmicas em sala de aula na perspectiva de melhorar a relação ensino/aprendizagem. Outrossim, utilizou-se da técnica de observação sistematizada³ durante a execução das regências de classe com o intuito de analisar a reação dos estudantes do Ensino Fundamental (6º ao 9º Anos) no momento do desenvolvimento das atividades.

Ainda, foram feitos diálogos com professores do Ensino Fundamental e Médio de instituições pública e particular de ensino na perspectiva de compreender as dificuldades encontradas em sala de aula e as alternativas utilizadas para superar os entraves, especialmente quando o profissional trabalhava com o uso de dinâmicas em sala de aula para dinamizar o ensino na Educação Básica. Esses diálogos foram fundamentais para elucidar a relevância da inserção de dinâmicas em sala de aula enquanto ferramenta no âmbito da Geografia Escolar no que concerne a aprender e ensinar Geografia.

As informações adquiridas ao longo desses dois anos foram de suma importância para compreender a relação ensino/aprendizagem no âmbito da Geografia Escolar da Educação Básica, para a escolha das dinâmicas em sala de aula e, especialmente para incentivar os estagiários, enquanto futuros profissionais, a relacionarem a teoria-prática numa relação simultânea de aprender e ensinar Geografia.

A GEOGRAFIA ESCOLAR E OS REFLEXOS DO ENSINO TRADICIONAL

A Geografia é uma ciência que teve sua origem calcada no caráter tradicional, sobretudo servindo ao poder e sua forma descritiva da realidade a qual camuflava sua importância. O que

² Política, econômica, territorial, social, cultura e ambiental, numa relação global/local.

³ Essa técnica de pesquisa estruturada foi feita a partir de anotações durante a realização das regências de classe desenvolvidas pelos acadêmicos da UFMS.

refletiu na sala de aula, pois sua função ideológica, na geografia escolar e universitária, foi, sobretudo de mascarar, através de processos que não são evidentes, a utilidade prática da análise do espaço, para a condução da guerra, assim como para a organização do Estado e a prática do poder (LACOSTE, 1988).

A Geografia Tradicional, também chamada de Clássica é caracterizada pelo método de ensino que supervaloriza a memorização das informações, resultando no afastamento da realidade do estudante. Essa prática tradicional de ensino difundiu-se ao longo da história do ensino de Geografia, e na contemporaneidade ainda é possível encontrar seus vestígios. Outrossim, as raízes desse período ainda refletem na sala de aula, fazendo permanecer a idéia da Geografia ser uma disciplina “decoreba”, portanto de pouca importância para os discentes.

Essa Geografia se traduziu no ensino (e ainda hoje traduz) pelo estudo descritivo das paisagens naturais e humanizadas, de forma dissociada dos sentimentos dos homens pelo espaço. Os procedimentos didáticos adotados pelos professores levavam o estudante a desenvolver a descrição e a memorização dos elementos que compõem as paisagens como dimensão observável do território e do lugar. Dessa maneira, com o ensino da Geografia neutra, evitava-se a compreensão ou subjetividade que confundisse o observador com o objeto de análise. Essa perspectiva marcou também a produção dos livros didáticos até meados da década de 1970 e muitos ainda apresentam em seu corpo idéias, interpretações e expectativas de aprendizagem defendidas pela Geografia Tradicional (BRASIL, 1988).

Os métodos e as teorias da Geografia Tradicional tornaram-se insuficientes para compreender a complexidade do espaço. A simples descrição tornou-se insuficiente enquanto método de ensino, pois era necessário realizar estudos voltados para a análise das ideologias políticas, econômicas e sociais, sobretudo a partir da década de 1960, onde a preocupação centra-se nas relações entre a sociedade, o trabalho e a natureza na produção e apropriação dos lugares e territórios. Entretanto, a Geografia Moderna carrega consigo uma concepção tradicional, de base teórica positivista, evidenciando uma Geografia ainda fragmentada do ponto de vista nas relações humanas e naturais (BRASIL, 1998).

Assim, reforçamos as análises de Castrogiovanni (2007: 42) quando destaca que muitos alunos ainda consideram a disciplina como desinteressante, como reflexo do elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nome de rios, regiões, países, altitudes, etc. “Nesta primeira década do século XXI, a Geografia, mais do que nunca, coloca os seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões”.

A prática da Geografia escolar, que ainda está presente na postura de professores, tem raízes na sua história de formação, fortemente arraigada na velha dicotomia entre Geografia Humana e Física. Assim, há necessidade de desconstruir esse caráter de fragmentação, de forma que venha a intervir no processo de ensino-aprendizagem valorizando a compreensão do espaço geográfico como uma extensão humana e física (LIMA; VLACH, 2002).

Dessa maneira, com a finalidade de melhorar a relação ensino/aprendizagem da Geografia, é necessário que o professor tenha um olhar crítico diante dos conteúdos a serem abordados em sala de aula, possibilitando a (re)construção dos conteúdos, onde estudante e professor sejam sujeitos ativos neste processo.

É POSSÍVEL MUDAR?

A Geografia é uma ciência fundamental para compreensão da transformação do espaço geográfico, mas há necessidade de trabalhar numa perspectiva interdisciplinar onde há o envolvimento com outras ciências. Neste viés, o ensino da Geografia poderá contribuir para a formação crítica dos estudantes.

Embora seja perceptível a evolução no ensino/aprendizagem, na contemporaneidade a escola ainda não se manifesta atraente, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. Para Callai (2000) é preciso envolver a realidade do estudante neste processo. Castrogiovanni (2001) chama a atenção, destacando que as ciências, passam por mudanças ao longo do tempo, uma vez que as sociedades estão em processo constante de transformação e (re)construção. Desse modo, é preciso que a Geografia acompanhe essas mudanças, pois “não serve apenas para fazer a guerra”, mas também para ajudar a ler o mundo.

Nas análises de Callai (2000) para que o discente construa seu conhecimento a partir do conteúdo trabalhado na disciplina de Geografia é necessário que o professor desperte-o para aprender a pensar, ou seja, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e pelo professor, o educando elabore o seu próprio conhecimento. Evidentemente, esse conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa uma evolução na compreensão espacial dos objetos, dos fenômenos, das relações sociais estabelecidas no contexto mundial.

Neste viés, não basta ao professor de Geografia apenas dominar os conteúdos, é preciso refletir sobre as concepções pedagógicas que perpassam a relação teoria e prática. Faz-se necessário rever a sua didática e os procedimentos metodológicos adotados em sala de aula, assim como ir além dos conteúdos da Geografia, buscando a interdisciplinaridade no ambiente escolar, partindo da realidade local, mas estabelecendo conexões com outros níveis escalares, local/regional/nacional/global.

Todavia, isso não quer dizer que devemos aplicar modelos pré-estabelecidos, mas sim possibilitar formas para que os profissionais experimentem novas metodologias de ensino, partindo para o encontro das necessidades concretas dos educandos, de forma que contribua para a produção dos saberes geográficos. Dessa maneira, a escola estará promovendo uma interação entre os saberes pedagógicos e sociais, considerados indispensáveis para o desempenho do profissional da área de Geografia (LIMA; VLACH, 2002).

As questões teórico-metodológicas do Ensino da Geografia encontram-se no cerne desse debate. Os autores, que participam dessa discussão procuram mostrar por que uma disciplina, considerada por muitos educandos como “chata e enfadonha”, permanece no Currículo Escolar. Efetivamente, essa permanência está atrelada a relevância da Geografia Escolar na compreensão do espaço geográfico nas diversas escalas geográficas.

A Geografia se constitui como importante disciplina que ajuda na leitura do espaço geográfico a partir do espaço vivido do discente. Porém, a melhoria do seu ensino ainda tem um grande caminho a percorrer. Oliveira (2001) ressalta que a Geografia ministrada nas escolas atualmente, foi herdada do período autoritário vivenciado pelo país, não satisfazendo o discente, nem o professor. Essa “herança” abriu espaço para a chamada “indústria do livro didático”, tendo o professor como a maior vítima, pois acaba adotando-o como uma “bíblia”.

Por esse viés, pode-se afirmar que os maiores prejudicados com a adoção do livro didático como se “bíblia” fosse, são os próprios estudantes, tendo em vista que devido à falta de conhecimentos prévio dos conteúdos estudados, não perceberão possíveis erros contidos nesses materiais, repassados como se verdade fosse. Isso não quer dizer que o professor não deva utilizá-lo, mas é preciso que os educadores estejam preparados e saibam explorá-los, associando com outros materiais didáticos disponíveis para complementar os conteúdos ministrados, além de diferentes metodologias de ensino e da inserção da realidade do discente de forma que facilite a relação ensino/aprendizagem.

Um dos pontos desfavorável no ensino da Geografia, discutido por autores que se debruçam nessas análises, e observado no campo profissional, é que os professores da rede pública possuem condições precárias de trabalho, especialmente a falta de recursos e materiais didáticos, além da baixa remuneração, contribuindo para a desestimulação do profissional, conseqüentemente aumentando o desinteresse por parte dos estudantes, acarretando sérios problemas na relação ensino/aprendizagem.

Sabe-se que a educação no país enfrenta sérios problemas (investimentos insuficientes, baixos salários, qualidade da formação profissional, professores e estudantes desmotivados) que afetam o ensino, havendo necessidades evidentes de mudanças significativas nas políticas educacionais do país.

Por outro lado, o profissional em educação, neste caso da Geografia, também pode tornar suas aulas mais interessantes e prazerosas, enfatizando o espaço vivido do estudante, trabalhando com diferentes procedimentos metodológicos, através do desenvolvimento de atividades lúdicas em sala de aula que refletirão na melhor compreensão do conteúdo.

Para Vesentini (1995), o segredo de um bom curso está na busca pela mediação para a construção de novos conhecimentos, onde o professor possa criar, ousar e aprender

ensinando. Dessa forma, ele permitirá avanços na análise crítica que repercutirá na relação ensino/aprendizagem.

Lima e Vlach (2002) também concordam que os profissionais experimentem novas metodologias de ensino, que venham ao encontro das necessidades concretas dos discentes, para que se possa produzir saberes reais. Callai (2001) corrobora enfatizando que o grande desafio é tornar as coisas mais reais, mais concretas. Para a autora, não se deve nem ajustar e nem tentar transformar os estudantes em meros espectadores, mas sim fazê-los participantes, se não dos problemas e questões estudadas, pelo menos tornando estas questões ligadas com a vida das pessoas envolvidas.

Em tempos onde o livro didático é, muitas vezes, utilizado pelo professor como única fonte de pesquisa, um estudo sobre como as aulas são ministradas e o aprendizado real dos discentes, pode ajudar o professor a reavaliar sua forma de ensino ou até mesmo de aperfeiçoá-la (VESENTINI, 1995).

Desse modo, haverá uma contribuição na melhoria da qualidade do ensino, uma vez que serão levantadas novas metodologias que contribuirão para que a Geografia assuma seu papel, o de contribuir para a formação de um cidadão crítico, participativo, que possa atuar na sociedade.

A prática pedagógica em Geografia requer que o profissional se aproprie de certos conceitos e questões básicas que são essenciais para o desenvolvimento do raciocínio geográfico. Estudar o espaço geográfico pressupõe o entendimento de que esse espaço é organizado pelos homens, como fruto das relações estabelecidas com a natureza e na sua vida em sociedade. Essa compreensão será fundamental para a compreensão dos problemas existentes na sociedade e natureza (CALLAI, 2006).

Diante dessas necessidades, existem diversas formas de fazer com que o discente vislumbre-se com o ensino da Geografia, como por exemplo, através de jogos, brincadeiras, construção de maquetes, leitura e análise de figuras e imagens, aulas práticas com experiências em sala de aula, aulas de campo, entre outros procedimentos metodológicos que possam dinamizar e fazer com que o estudante assimile o ensino geográfico.

Vale ressaltar que o conteúdo ministrado pelo professor será o mesmo proposto no Projeto Político Pedagógico da escola, evidentemente com inserções locais, porém a forma como o conteúdo será ministrado é que será diferente. Dessa maneira, o estudante poderá ter mais entusiasmo em saber que a próxima aula será de Geografia.

O USO DAS DINÂMICAS NA CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO

Na contemporaneidade um dos grandes desafios da Geografia é tornar o mundo mais compreensível para o estudante a partir do seu espaço vivido. Para conseguir tal objetivo é fundamental envolver as diferentes dimensões, a saber: cultural, social, política, econômica e ambiental e social.

Enquanto ciência e disciplina escolar, a Geografia analisa a distribuição dos fenômenos no espaço geográfico e a integração entre eles enfatizando as escalas local, regional e global, a partir de formas de mediação visando levar o educando a compreender o mundo em que vive (VESENTINI, 2000).

Ensinar Geografia para o ensino básico nunca foi uma tarefa fácil. Assim, retirar o rótulo herdado da Geografia Tradicional de disciplina descritiva e decorativa, “decoreba”, é um grande desafio para os professores. Mas, é função do professor propiciar ao estudante caminhos que o leve a leitura de mundo, outro grande desafio no contexto da Geografia Escolar.

Existem possibilidades que estimulam os discentes e docente de Geografia a desenvolverem seu saber-fazer, na perspectiva de construir sua autonomia pedagógica (KIMURA, 2008).

Todavia, o professor precisa ser criativo, buscando diversificar os recursos didáticos usados em sala de aula, assim como, revisar os procedimentos metodológicos até então adotados, uma vez que a disciplina tem grande importância na vida do estudante, pois como bem ressalta Kaercher (1999) a Geografia é nosso dia a dia.

Por esse viés, as dinâmicas de aprendizagem, consideradas como um instrumento educacional facilitador da aprendizagem, aparecem como opção lúdica para dinamizar a relação ensino/aprendizagem. Através do seu uso, efetivamente pode-se aplicar a teoria a prática, uma

vez que esse instrumento serve como um *feedback* para que o professor possa fazer uma análise dos procedimentos metodológicos utilizados, além de despertar a criatividade e criticidade dos sujeitos envolvidos, professor e aluno. Para os discentes há uma perspectiva de aprender os conteúdos de maneira mais prazerosa, que contribua para despertar sua atenção, criatividade e imaginação.

Ao desenvolver as atividades os estudantes deverão entender os fenômenos geográficos estudados e fazer a correlação e comparação com a sua realidade. Nesse viés, as atividades lúdicas no contexto escolar, propiciam atingir os objetivos educacionais, a curto, médio e longo prazos, como o desenvolvimento do raciocínio, do pensamento crítico, da criatividade, da formação de indivíduos pró-ativos, que buscam soluções para as situações que se apresentam no cotidiano (RUPEL, 2008).

Assim, corroboramos as ideias de Fernandes; Rocha (2010) quando abordam que essas atividades ampliam e desenvolvem um processo de discussão e reflexão, possibilitando a criação, formação e transformação do conhecimento individualmente e coletivamente. Diante disso, observa-se que as dinâmicas de aprendizagem são instrumentos relevantes, pois tanto atraem o discente à sala de aula, como transforma um conteúdo até então difícil, em um conteúdo atrativo e simples. Pois (RUPEL, 2008), durante as atividades lúdicas, os alunos participam de um ambiente de aprendizagem ativo, explorando e descobrindo conhecimentos.

Por outro lado, é importante frisar que os conteúdos abordados pelos professores serão os mesmo, mas os procedimentos metodológicos usados é que serão diferentes. Todavia, antes de iniciar qualquer dinâmica na sala de aula é primordial que o docente estabeleça as regras, e as deixem bem claras, evitando que os estudantes não confundam a finalidade da atividade, e não torne o ambiente em bagunça.

Com a realização das dinâmicas, de modo geral, observou-se uma maior interação entre os estudantes da educação básica e os estagiários, melhorando a relação ensino/aprendizagem. Vale frisar, que no início da aula é fundamental informar que irá fazer uma dinâmica logo após a explicação do conteúdo. Essa iniciativa contribui bastante para o desenvolvimento da aula, pois os estudantes tendem a ficar mais atentos durante a aula e questionar e/ou interagir mais, até mesmo porque a depender da dinâmica, o professor pode optar por não permitir a consulta aos livros didáticos.

Abaixo elencaremos uma série de dinâmicas lúdicas, realizadas pelos acadêmicos (estagiários) da UFMS, durante a disciplina Estágio Supervisionado de Ensino em Geografia (turma do 4º Ano), que podem ser utilizadas em sala de aula. Entretanto, vale ressaltar que antes da escolha, o professor deve verificar alguns quesitos, tais como: a sala que irá ministrar; o conteúdo que será abordado (Ensino Fundamental ou Médio) respeitando a capacidade cognitiva do educando; os recursos didáticos e/ou outros materiais a serem utilizados; as regras estabelecidas; dentre outros que se fizerem necessários, pois trabalhamos com a perspectiva que cada lugar é uma realidade diferente, e isso deve ser levado em conta.

Dinâmicas com o uso do mapa

Através do uso de mapas o professor pode desenvolver atividades ligadas à localização, orientação, projeções cartográficas, mapas temáticos, dentre outras.

a) Mapa mudo⁴: essa atividade consiste em escolher mapas, tais como: Múndi, das Américas, da África (Figura 01), da Europa e/ou outros continentes, do Brasil, das regiões (norte, nordeste, sudeste, centro-oeste e sul), estaduais, municipais, entre outros.

A partir do conteúdo trabalhado em sala de aula, o professor tem diferentes opções para realizar atividades, onde os estudantes devem incluir as informações destacadas pelo docente com base numa legenda bem definida. Dentre as dinâmicas com mapas mudos pode-se citar:

- Mapa das densidades demográficas: dinâmica recomendada para o 6º e 7º Ano do Ensino Fundamental, especialmente para os conteúdos relacionados à Geografia da População.

- Mapa dos fluxos migratórios no Brasil a qual também pode ser realizada no contexto internacional: atividade é indicada (tratando dos fluxos migratórios no país) para o 7º Ano do

⁴ Sem o nome dos países, Estados e/ou Municípios, apenas com os contornos dos limites e/ou informações definidas pelo professor.

Ensino Fundamental, onde o estudante deve representar e apresentar os fluxos migratórios, mediante o uso de setas, com legenda definida a partir da imigração onde as setas indicam a entrada de pessoas num determinado território, e da emigração cujas setas apontam as saídas de pessoas de um determinado território. Nessa atividade é importante obedecer ao tempo cronológico. Entretanto, não basta apenas colocar tais informações, preciso que os estudantes saibam os motivos que levaram as pessoas a migrarem, correlacionando com as atualidades econômicas e com a realidade local;

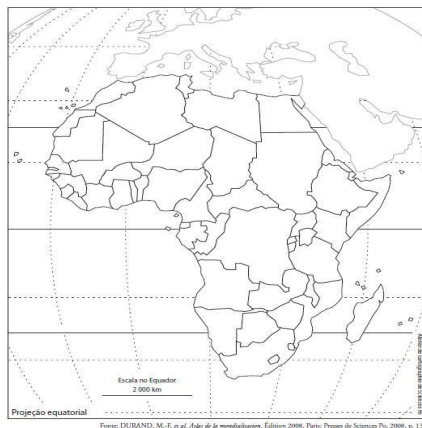
- Mapa para delimitação das regiões com base na divisão regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e/ou da divisão das regiões geoeconômicas: essa dinâmica é indicada para estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, assim como para outras séries do Ensino Fundamental, mediante a alteração do conteúdo estudado. Outro exemplo, que pode ser realizado é o mapa da Região Nordeste, destacando suas sub-regiões: meio norte, agreste, sertão e zona da mata. No âmbito do estudo das regiões, é primordial que o estudante entenda quais os critérios utilizados para essas divisões regionais, sejam oficiais ou não. A partir daí o professor poderá desenvolver atividades ligadas às regiões norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste;

- Mapa das formas de relevo, tipos de clima, vegetação e recursos hídricos: pode ser trabalhada no Ensino Fundamental, uma vez que são conteúdos trabalhados sob diferentes recortes territoriais e escalas de análise. Por outro lado, é fundamental que em suas análises o aluno seja capaz de relacionar os aspectos físicos com o humano, ou seja, que ele compreenda a importância das análises dos tipos de relevo, de climas, de vegetação e da hidrografia. De modo similar é primordial considerar as atividades antrópicas na organização do espaço.

b) Quebra cabeça usando mapas políticos: o professor poderá orientar para que os estudantes construam o mapa escolhido, em seguida recortar os estados ou países, colando-os sobre cartolina e/ou papelão, e a partir daí desenvolver a montagem do quebra cabeça. Mas é importante associar as características naturais e humanas dos referidos recortes (municípios, estados ou países). É um exercício que obtêm êxito no 6º e 7º ano do Ensino Fundamental.

O uso de mapas em dinâmicas tende a auxiliar o aluno na leitura do mundo a partir da escala local/global, pois a cartografia desenvolve habilidades e competências inerentes à formação do cidadão. É preciso frisar que antes da realização das dinâmicas faz-se necessário trabalhar o conteúdo enfatizando, no caso da cartografia, convenções cartográficas, escala geográfica, a importância da cartografia enquanto instrumento de aproximação dos lugares, dentre outros.

Figura 01: Mapa mudo da África



Confecção e apresentação de cartazes

A confecção de cartazes pode ser desenvolvida mediante a utilização de revistas, jornais, folders e panfletos. Para a realização de dinâmicas dessa natureza é relevante que o professor leve diferentes temáticas a serem distribuídas entre os grupos formados em sala de aula de modo que nenhum grupo fique com tema repetido.

Para trabalhar com cartazes a partir da questão ambiental, por exemplo, há diversas temáticas que podem ser distribuídas entre os grupos, tais como; queimadas, desmatamento,

contaminação dos recursos hídricos superficiais e subterrâneos, poluição sonora e visual, resíduos sólidos, chuvas ácidas. Dentro das temáticas trabalhadas é indispensável que os discentes sejam instigados a estabelecer uma relação com o ambiente onde vivem principalmente no momento das apresentações dos cartazes.

Essa atividade precisa ser planejada com antecedência, onde o docente pode levar revistas, cola, tesouras, cartolinas, lápis de cor, dentre outros materiais, e/ou solicitar que os estudantes tragam os materiais de casa.

Essa dinâmica pode ser usada em todas as séries do Ensino Fundamental e Médio. Entretanto, é importante que os alunos apresentem suas produções, e posteriormente, tenham um momento para um debate em sala de aula, onde o professor instigue a participação dos demais grupos.

Elaboração e uso de cartas com questões a serem respondidas

Para o desenvolvimento da atividade o professor deve formular questões⁵, digitá-las e/ou escrevê-las em papel A4, depois recortar o papel no tamanho de uma carta de baralho, colando-a em seguida em cartolina e/ou outro material, tais como: papel cartão, papelão, dentre outros de seu interesse.

Após dividir a sala em grupo, o professor precisa deixar as regras claras, evidenciando especialmente, que a carta retornará para o baralho quando um determinado grupo não souber e/ou errar a resposta, ou seja, a mesma retornará para as questões ainda não respondidas.

Cabe ao professor escolher a ordem a ser seguida para o primeiro grupo, podendo ser no sentido horário, anti-horário e/ou por meio de um dado, ou seja, quando a sala tem seis grupos, pode-se confeccionar um dado de caixa de papelão com suas referidas faces. Assim, numeram-se os grupos, em seguida um aluno joga o dado e o número indicado orientará qual o primeiro grupo que responderá. Mas faz-se necessário, deixar claro que se a face do dado já tiver indicado algum grupo, o docente poderá optar para que um aluno jogue novamente o dado e/ou indicar o grupo posterior para adiantar o andamento da atividade.

As perguntas contidas nas cartas podem ser aproveitadas para realização de outras dinâmicas, como por exemplo, Passa ou Repassa (questões em envelope e/ou em cartas, com dois grandes grupos). No final da brincadeira, em ambas dinâmicas, vencerá o grupo que possuir maior número de acertos. Essas dinâmicas são mais indicadas para o Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano).

Palavras cruzadas

Essa atividade, recomendada para estudantes do Ensino Fundamental, aguça o desafio e a curiosidade dos educandos ajudando-os na construção do conhecimento. A elaboração pode ser feita mediante a elaboração de perguntas cujas respostas encontram-se destacadas por palavras chaves num referido quadro. Para facilitar a elaboração o professor elabora as questões e depois, no quadro, pode destacar primeiramente às respostas, seja em qualquer sentido e/ou direção, e completar o quadro com letras aleatórias. Para tal realização pode usar o recurso da tabela no *Word*. No exemplo indicado, os estudantes precisam encontrar no Quadro 01 de palavras cruzadas às categorias de análise geográfica. Para facilitar a compreensão, no exemplo abaixo, as resposta estão destacadas em negrito. A palavra Geografia foi deixada destacada apenas para indicar o nome da disciplina.

Quadro 01: Palavras cruzadas

T	L	U	E	G	A	G	A	B	E	L	L	U	C	T	O
Z	E	E	S	C	A	E	S	C	S	A	U	A	E	P	I
O	Á	I	G	E	R	O	T	G	C	I	G	G	R	A	R
R	U	A	A	G	O	G	L	O	A	G	A	R	A	R	O
E	S	P	A	Ç	O	R	A	A	L	E	O	E	P	R	T
R	E	F	D	G	T	A	E	L	A	R	E	D	E	S	I
E	E	C	C	E	A	F	A	G	O	S	D	E	I	A	R
D	R	S	A	R	O	I	R	O	T	I	R	R	E	T	R
M	E	G	A	S	I	A	P	E	G	A	S	I	A	P	E
E	S	P	A	Ç	O	G	E	O	G	R	A	F	I	C	O

Fonte: Elaborada pela autora, 2011.

⁵A quantidade de questões depende do tempo previsto para a atividade. Geralmente tempo varia de 30 a 40 minutos quando o professor opta por 30 questões. Mas, vale reforçar que esse tempo depende do comportamento da turma e, especialmente das regras estabelecidas antes do início da dinâmica.

Música, paródia e poema

O uso desses recursos didáticos para realização de dinâmica propicia uma leitura e interpretação dos mesmos associando com os conteúdos propostos para a Geografia, de forma que facilite tal compreensão pelos educandos sendo possível estimular seu senso crítico, auxiliando na leitura de mundo, a depender dos enfoques das escalas abordadas.

São inúmeras as possibilidades de utilização desses materiais no ensino de Geografia. Mas é preciso que o professor selecione-os na medida em que tragam contribuições para o conteúdo explorado. Abaixo listaremos alguns exemplos que podem ser usados:

- Através do poema “Operário em Construção” do Autor Vinícius de Moraes, o professor pode explorar a importância do trabalho no processo de construção do espaço geográfico pelo homem. Esse poema mostra que apesar do trabalhador não ser reconhecido e valorizado pela sociedade ele tem grande contribuição para a construção de tudo que nos cerca, podendo enfatizar dessa maneira, a desigualdade social.

- O poema “A Bomba Suja”, do autor Ferreira Gullar, que pode ser utilizado para despertar o senso crítico dos estudantes, a partir da discussão de alguns problemas nacionais, como por exemplo, a fome, ainda muito presente no país, sobretudo na região nordeste do país.

- A música “Planeta Blue” que tem como compositores Milton Nascimento e Fernando Brant, interpretada por Milton Nascimento, pode ser trabalhada em vários conteúdos ligados a relação geopolítica entre os países do norte e do sul, a relação sociedade-natureza e as desigualdades sociais no contexto mundial, sendo mais apropriadas para o 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio;

- Música Notícias do Brasil (Os Pássaros Trazem) que tem como compositor e intérprete Milton Nascimento, é ideal para o Ensino Fundamental (6º e 7º Anos), pois permite a discussão sobre o processo de regionalização e ocupação do território nacional, propiciando ainda, a o desenvolvimento de trabalhos cartográficos, principalmente com mapas do Brasil;

- Música “Três Raças” de Clara Nunes, é excelente para o estudo da população.

Esse recurso pode auxiliar nas atividades realizadas, resultando na interação dos estudantes no na perspectiva de ensinar e aprender Geografia. Isso não quer dizer que o professor precise conhecer e compartilhar as preferências dos gêneros musicais dos seus alunos, entretanto, pode pedir que eles façam um levantamento de músicas que tratem do conteúdo em estudo (VIEIRA; SÁ, 2007). Contudo, ao optar pela música, outros recursos automaticamente já se fazem necessários, tais como: letra da música (impressa no papel), CD, aparelho de som e/ou outro meio que possibilite a emissão do som.

Oficinas pedagógicas

A realização de oficinas permite aos discentes associar a teoria com a prática, efetivamente essenciais para a construção do saber geográfico. Existe uma diversidade de oficinas que podem ser realizadas em sala de aula, a saber: experiências de solo, de água, do espaço geográfico, de clima, entre outras.

Muitos professores não desenvolvem tais atividades com a justificativa que o custo é elevado, entretanto, já existem referências, como artigos⁶ e manuais de experiências que trazem alternativas cujos custos são baixos, uma vez que pode-se reutilizar materiais comumente descartados, como: garrafa pet, garrafa de leite coco, lata de leite em pó, entre outros, para

⁶Nos referidos sites estão disponíveis diversas experiências sobre solos, indicando o público alvo para qual a experiência se destina, bem como os objetivos, materiais usados, procedimentos, e informações complementares para os professores, assim como:

Retenção de água do solo: <http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/experimentotecasolos1.pdf>

Porosidade do solo: <http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/experimentotecasolos2.pdf>

Conhecendo a composição do solo e suas diferentes texturas:

<http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/experimentotecasolos3.pdf>

Salinidade do solo: <http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/experimentotecasolos4.pdf>

Erosão eólica e hídrica do solo: <http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/experimentotecasolos5.pdf>

Atividade microbiana no solo - respiração: <http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/experimentotecasolos6.pdf>

pH do solo: <http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/experimentotecasolos7.pdf>

Consistência do solo: <http://www.escola.agrarias.ufpr.br/arquivospdf/experimentotecasolos10.pdf>

elaborar os objetos necessários para a realização da atividade. Outrossim, para o desenvolvimento da dinâmica o docente pode distribuir as experiências para os discentes e os mesmos providenciarem os materiais para realização em sala de aula.

Júri simulado

Essa dinâmica tem como objetivos: analisar e avaliar um fato com objetividade e realismo; criticar construtivamente uma situação determinada; e, dinamizar o grupo aguçando para um estudo profundamente real (SANTANNA; MENEGOLLA, 1997).

Para a realização dessa dinâmica Passini (2007) indica o uso dos livros didáticos e artigos de jornais que expõem diferentes visões com relação à temática abordada. Geralmente as idéias são conflitantes, e o professor deve está preparado para conseguir manter a racionalidade da turma. Um aspecto favorável é que os alunos devem estudar todo o conteúdo para que de fato possam debater no sentido de defender suas idéias atreladas ao conteúdo abordado.

Ao planejar a atividade o professor deve selecionar em acordo com a turma: o juiz, o advogado de acusação, o advogado de defesa, as testemunhas, o corpo de jurados e o público, onde cada um tem sua função.

O juiz tem como função dirigir e coordenar o andamento do júri; o advogado de acusação formular as acusações contra o réu; o advogado de defesa deve defender o réu e responder as acusações ditas pelo advogado de acusação; as testemunhas falar contra ou a favor do réu; o corpo de jurados assistirem ao julgamento, e no final votar contra ou a favor do réu e; e o público deve ser dividido em dois grupos (defesa e da acusação) ajudar seus advogados a prepararem seus argumentos para a acusação ou defesa (FERNANDES; ROCHA, 2010). Ao final da dinâmica o professor pode questionar os discentes sobre: que proveito tiraram da atividade? O que mais agradou? Como se sentiram? O que é possível melhorar?

Jornal falado

O jornal falado tem como objetivos: organizar informações sobre um determinado assunto; desenvolver a expressão oral, o raciocínio, o espírito de cooperação e socialização; sintetizar idéias e fatos; e, transmitir idéias com pronúncia adequada e correta (SANTANNA; MENEGOLLA, 1997).

Para essa atividade usaremos o exemplo do estudo das regiões para o 7º Ano do Ensino Fundamental. Para a concretização da atividade o professor pode dividir a sala em cinco grupos, onde cada um ficará responsável por uma região (norte, nordeste, sul, sudeste e centro oeste). Após a divisão expõe as temáticas, sendo que cada grupo deve pesquisar e estudar os aspectos gerais das referidas regiões, tais como: localização geográfica, aspectos físicos, históricos e socioeconômicos e ambientais (FERNANDES; ROCHA, 2010).

As ideias devem ser sintetizadas de forma que sejam apresentadas em forma de notícias e apresentadas para a turma de maneira criativa. Após a apresentação pode ser feita uma mesa redonda para discussão dos principais pontos levantados pelo professor, que pode direcionar algumas questões, como: o que aprenderam? Quais os aspectos positivos e negativos da execução do trabalho? Qual o proveito da dinâmica do jornal falado?

Outras atividades também merecem ser incluídas no ensino da Geografia, sobretudo a partir da exploração de acontecimentos importantes apresentados em noticiários; do uso do laboratório de informática, uma vez que existem escolas equipadas com diversos jogos educativos a serem explorados pelos discentes; gincanas educativas e feiras de ciências numa perspectiva de multidisciplinaridade, dramatizações, entre outras.

No sentido, de incentivar as atividades lúdicas em sala de aula, tornando o ensino da Geografia prazeroso, concordamos com a acepção de Malysz (2007, p. 24) quando elenca que “é possível ultrapassar o mito da Geografia descritiva e trabalhar com uma Geografia analítica e interpretativa na formação do cidadão crítico”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de dinamizar o ensino da Geografia, as dinâmicas de sala de aula são instrumentos capazes de contribuir na construção do saber geográfico, melhorando a relação

ensino/aprendizagem. Entretanto, sua adoção dependerá do planejamento, da criatividade e disponibilidade de tempo do professor, assim como da interação e interesse dos discentes.

Com a realização das dinâmicas realizadas pelos estagiários, percebeu-se maior interação entre os discentes da Educação Básica e os estagiários, na condição de futuros profissionais que atuarão no ensino da Geografia, e certamente contribuiu para a reflexão dos professores regentes, no tocante a sua práxis pedagógica, especialmente aqueles que desconhecem determinada dinâmica e/ou, por algum motivo, não as usam para dinamizar o ensino dessa disciplina.

Nossa pretensão não foi apresentar dinâmicas prontas e acabadas, mas sim despertar a criatividade dos profissionais que lidam com as questões geográficas no âmbito escolar, pois se considera que as mesmas têm grande relevância para facilitar a compreensão dos conteúdos propostos, assim como estimular o prazer pela disciplina da Geografia ao passo que os discentes se configurem como sujeitos ativos no processo ensino/aprendizagem, e ao mesmo tempo mostrar que é possível ter prazer em ensinar e aprender Geografia.

A realização das dinâmicas é um momento onde os educandos manifestam a aprendizagem, mostrando os resultados dos conteúdos ensinados pelo professor. Todavia, o professor pode avaliar tanto a absorção do conteúdo pelos estudantes, como a sua própria prática pedagógica, sendo possível verificar a necessidade de retomar e/ou avançar os conteúdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, H. C. A articulação teoria-prática na formação do professor de geografia. In: SILVA, A. M. *et al.*, **Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para inclusão social**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: ENDIPE, 2006. p. 143 - 161.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**. N° 16. São Paulo, 1° semestre de 2001. p. 133-152.

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. In: **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-25, mai./ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 10/08/2010.

CASTROGIOVANNI, A. C. "Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade". In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CASTROGIOVANNI, A. C. *et al.* **Geografia em sala de aula: Práticas e Reflexões**. UFRGS, Porto Alegre/RS, 2° Ed. 1999.

CAVALCANTI, L. S. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuições de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, S. (Org). **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 66-78.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Tradução: Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2001a.

FERNÁNDEZ, A. **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com família, escolas e meios de comunicação**. Tradução: Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2001b.

FERNANDES, L. V.; ROCHA, J. P. C. Reformulando o ensino de Geografia no Ensino Médio: o uso de dinâmicas como vetor da aprendizagem; In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre/RS, 2010.

- KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. *et al.* (Orgs.) **Geografia em sala de aula: Práticas e Reflexões**. UFRGS, Porto Alegre/RS, 2º Ed. 1999. p. 11-21.
- KIMURA, S. **Geografia no Ensino Básico**: Questões e propostas. São Paulo: Contexto, 2008.
- LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Trad. Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 1988. 263 p.
- LIMA, M. H.; VLACH, V. R. Geografia escolar: relações e representações da prática social. In: Rev. **Caminhos de Geografia**. Vol. 3, nº 5. ISSN: 1678-6343. Fev/2002. Instituto de Geografia/UFU, 200. p. 44-51.
- MALYSZ, S. T, Estágio em parceria universidade-educação básica. In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R. MALYSZ, S. T. (Orgs). **Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 16-31.
- OLIVEIRA, A. U. Educação e Ensino de Geografia na Realidade Brasileira. In: **Para onde vai o ensino de Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 135-144. (Coleção Repensando o Ensino).
- RUPEL, M. A. P. A utilização das atividades lúdicas para o ensino da Geografia escolar: uma abordagem para 6ª série. In: **Caderno Pedagógico**. Campo Largo/PR, 2008. 122 p. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1634-8.pdf>>. Acesso 30 de setembro de 2010.
- SANTANNA, I. M.; MENEGOLLA, M. **Didática**: Aprender a Ensinar, São Paulo, Edições Loyola. 1997.
- VESENTINI, J. W. As Geopolíticas e a Crise. In: **Novas Geopolíticas, as representações do século XXI**. São Paulo: Contexto. 2000, p.15-29.
- VESENTINI, J. W. O ensino de Geografia no século XXI. In: **Geografia e Ensino**. Caderno Prudentino de Geografia 17. Presidente Prudente São Paulo. Julho de 1995.
- VIEIRA, C. E.; SÁ, M. G. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Orgs.) **Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 101-116.